

Pantanal capixaba no Sul

AJ13395-1

Em Presidente Kennedy, cheia dos rios Itabapoana e Preto encobre boa parte das terras e forma pântanos



ALESSANDRO DE PAULA

O Espírito Santo também tem seu Pantanal. Fica em Presidente Kennedy, no Sul do Estado, próximo à divisa com o Rio de Janeiro. Capivaras, jacarés, lontras e aves como biguás, gaviões e tabuiaias (as cegonhas do Pantanal mato-grossense) são alguns dos moradores das áreas alagadas.

O Pantanal capixaba é resultado da cheia dos rios Itabapoana e Preto, que se juntam antes de chegar à foz, na Praia das Neves. A água encobre boa parte das terras situadas nas localidades de Bela Vista, Campina, Espírito Santo, Jaqueira, Guarulhos e Muribeca.

No período chuvoso, entre dezembro e janeiro, algumas estradas desaparecem debaixo d'água. E assim como no Pantanal do Mato Grosso, o capixaba também tem seu período de estiagem, que acontece durante o outono e o inverno, época em que o pântano dá espaço às pastagens.

A grande maioria da população se divide entre atividades da pecuária e da pesca. O turismo não existe, apesar das belas paisagens e dos passeios de bote por quilômetros de áreas alagadas.

Até o dia 28 deste mês, que é o período de defeso, os pescadores estão impedidos de pescar, pois é época de reprodução dos peixes. Recebem um salário mínimo por mês como forma de indenização, mas poderiam melhorar a renda transportando visitantes, pois conhecem bem a região pantanosa.

Pescadores e pecuaristas convivem de forma pacífica, porém possuem interesses bem conflitantes. Enquanto aqueles que vivem da pesca preferem mais as áreas alagadas, os criadores de gado enfrentam dificuldades nas cheias para cuidar dos animais.

A construção de estradas no meio do mangue e os diques estão reduzindo a área de pântano e diminuindo a população de peixes.

As enchentes também provocam consequências para a população. Em janeiro, milhares de peixes morreram e um dique arrebentou durante cheia e a correnteza virou o bote de um grupo de pescadores. Um rapaz que estava na embarcação morreu afogado.



FOTOS: ALESSANDRO DE PAULA

Gado na região do Pantanal, em Presidente Kennedy: cheias entre dezembro e janeiro

Gado é a maior riqueza da região

Por todo lugar que se olha é possível ver a principal fonte de renda da região pantanosa, o gado. Há vacas nas campinas situadas nos pontos mais elevados e até mesmo dentro d'água.

Cuidar do gado na região do pântano exige cuidado dos donos, pois para encontrar áreas boas de pastagem os animais precisam atravessar a nado grandes extensões alagadas.

O pecuarista Hamilton Rodrigues da Silva, 64, ou Milton Machado, como é mais conhecido, diariamente precisa atravessar o rebanho, de cerca de 60 cabeças, duas vezes pelo pântano – pela

manhã, para que o gado se alimente, e à tarde, de volta para o curral, onde dormem.

Milton atua com gado girlando para produção de leite. Disse que já ouviu falar de ataques de jacarés aos rebanhos. “Ocorre principalmente quando os jacarés estão em época de reprodução, mas, por sorte, nunca aconteceu comigo”, disse.

Milton mora há 59 anos na região. Chegou com seu pai, quando tinha cinco anos. Hoje, estradas ligam a região até a cidade, mas até a algumas décadas atrás a situação era mais difícil.

A mulher de Milton, a dona-

de-casa Maria Lúcia Paiva da Silva, 60, lembra que eles precisavam transportar o jipe dentro do carro de boi para passar pela área alagada e só depois podiam continuar a viagem.

Maria Lúcia, que veio de São Francisco do Itabapoana, Rio de Janeiro, disse que teve dificuldade para se adaptar às características do local.

Certa vez, contou, foi ao rio lavar roupa e levou a filha junto com ela. Mas levou susto e saiu correndo com a menina ao ver uma cobra, conhecida como limpa-mato, de quase três metros vindo em sua direção.



O pecuarista Milton Machado conduz o gado pelo terreno pantanoso: medo de jacarés

Jacarés, lontras e capivaras quase em extinção

Os jacarés, animais que no passado existiam em grande quantidade, são vistos com menos frequência atualmente pelos moradores da região pantanosa de Presidente Kennedy.

Essa espécie foi alvo de um verdadeiro massacre realizado por caçadores, que matavam os bichos por causa de sua carne ou simplesmente por diversão, como contam moradores antigos da região.

Da mesma forma, não é mais tão fácil ver outros habitantes dos pantanais como capivaras e lontras passeando pelas áreas alagadas.

A equipe de reportagem procurou por dois dias alguns desses animais no local, mas não teve sorte.

Apesar de existirem em número bem menor, volta e meia um morador avista um jacaré ou uma capivara de passagem.

Normalmente, segundo pescadores e moradores, aparecem à noite ou em locais mais afastados.

Lontras são vistas com mais frequência, para o desespero dos pescadores, que não gostam desses bichos. Dizem que destroem as redes e comem os peixes que estavam capturados.

HÓSPEDES

Até há duas semanas, um casal de jacarés podia ser visto diariamente no açude do pescador Gesse Gomes Mota, 46 anos. Mas os bichos desapareceram após a cheia de janeiro.

O pescador lembra com saudade dos seus estranhos hóspedes. “Amigos e parentes vinham aqui só para ver os animais. Era só bater palmas ou chamar por eles que apareciam”, comentou.

De tão dóceis, foram batizados pelos moradores de Tão e Tur.

“Nunca atacaram ninguém. Comiam junto com as galinhas”, lembra o pescador.

Os animais se alimentavam dos peixes do açude e de carne que o dono do local lançava para os dois.

ONDE FICA



■ Área: 588 km²
 ■ População: 9.581 habitantes, sendo 6.706 (70%) na área rural e 2.875 (30%) na parte urbana.
 ■ Economia da região: Pecuária, pesca e agricultura

Presidente Kennedy

■ O acesso ao município é a partir da BR 101-Sul. Seguindo em direção ao Rio de Janeiro, entrar a esquerda 10 km após a Safra e continuar pela rodovia ES-162 por cerca de 20 km.



Pesca em pântano e rios garante sustento

O pântano e os rios Itabapoana e Preto guardam em suas águas o sustento de centenas de famílias que vivem da pesca. A região é rica em espécies como traíra, tilápia, piaú, robalo, corumatã e bagre africano.

O trabalho é difícil. Normalmente, o pescador sai à tarde e retorna só 24 horas depois. Ele deixa as armadilhas nos rios à noite e aguarda até o dia seguinte para ver o resultado.

Luciano Ferreira tem 37 anos e é um dos mais experientes. Aprendeu a profissão com o pai e pesca desde os 10 anos. Numa única pescaria, que realiza com o irmão, a mulher e o cunhado, chega a capturar até 300 quilos de peixe, segundo ele.

O pescador conta que o bagre africano, apesar de não ser natural da região, tomou conta do Pantanal. Ele diz que o peixe tem sido bem procurado pelas indústrias para a produção de filé.

“Hoje é um dos peixes que mais temos por aqui. Se dependermos das demais espécies, nós, pescadores, morreríamos de fome.”

Os pescadores reclamam da falta de incentivo. Dizem que estão abandonados e pedem apoio. O pescador Gessé Gomes Mota, 46, diz que se houvesse uma câmara de gelo para conservar os peixes



enquanto aguardam o caminhão frigorífico buscar a produção, o trabalho seria menor.

O pescador Paulino Gonçalves, o Santo, 58, lamenta que a construção de diques e estradas passando pelo pântano esteja prejudicando a atividade pesqueira, pois represa as águas dos rios e impede a chegada de peixes.

“Há uns 30 anos a situação era outra. Eu podia sair de minha casa com o bote até o rio Itabapoana. Hoje, preciso deixar o bote lá e percorrer uma hora e meia”, comentou.

Mulheres também pescam, mas geralmente não saem da terra. Esse é o caso de Oroziane Rodrigues, 23. “Pesco de rede ou de anzol e dessa forma ajudo no orçamento em casa”, disse.

Sem ter o que fazer nessa época de defeso, alguns pescadores preparam o material para a pesca. Ezilmar Mota da Silva, 21, aprendeu a tecer redes com seu pai e economiza na pescaria. Cada uma custa entre R\$ 30 a R\$ 40.



Pescadores passeiam de canoa pelas áreas alagadas. Agora a pesca está proibida na região

HISTÓRIAS E PERSONAGENS PANTANEIROS

■ O perigoso arurau

Uma espécie de jacaré gigante aterrizava a vida dos moradores do Pantanal capixaba no passado. O povo da região deu o nome de arurau, que atacava barcos e bois.

Moradores dizem que numa única mordida, o bicho arrancou quase metade de um boi. Para passar o gado pela área alagada, os vaqueiros costumavam lançar na água um animal mais debilitado para distrair o jacaré, enquanto o restante da boiada seguia pelo pântano.

■ O bode fantasma

Dizem os mais antigos que existia na localidade de Bela Vista um grande bode que só aparecia quando queria e para atacar as pessoas que passassem perto dele. O bode era assombrado, segundo moradores.

Algumas vezes, ele ficava deitado bem

no meio da estrada. Quem o avistava, mudava o trajeto. Alguns corajosos que teimavam em passar perto dele normalmente eram atacados e precisavam correr para escapar de levar uma chifrada.

■ Vovô do Pantanal

Ele não ouve nada, mas isso não o impede de conversar, e bastante. Arceu Gomes Faria, 94 anos, ou Amir Calheira, como é mais conhecido, é um dos moradores mais antigos da região pantaneira.

Mora numa pequena casinha bem em frente a uma área alagada e, antes de se aposentar, vivia da pesca. A idade de Amir não diminuiu sua esperteza, assim como a deficiência auditiva que chegou com os anos. O simpático vovô consegue entender muita coisa lendo os lábios das pessoas ou interpretando alguns gestos.

“Aqui existia muito jacaré. Dava para ver por toda parte. Hoje só dá para encon-

trar alguns deles escondidos lá em cima, no meio da mata”, comentou.

■ O contador de “causos”

Quem quiser saber sobre histórias de assombrações basta procurar o pescador José Gomes da Silva, 62. Violeiro e compositor, seu José anima bailes e rodas de conversa, com sua música e seus “causos”.

Animais fantasmas não faltam no imaginário popular local. José Gomes se lembra da história de um boi que costumava acompanhar as pessoas pela estrada mas, que de uma hora para outra, desaparecia.

E as histórias não param por aí. “Uma vez avistei um homem sentado debaixo de um pé de figueira, com chapéu e um prato dourado, como ouro e que brilhava ao sol”, comentou, acrescentando que o sujeito desapareceu logo depois.

Prefeitura vai investir no turismo

A prefeitura de Presidente Kennedy pretende estimular o turismo na região do Pantanal, segundo informou a assessoria de comunicação. A proposta é preparar os produtores rurais para receber os visitantes.

“Nossa intenção é preparar as famílias da região para que cada uma delas encontre sua vocação e defina o que poderão oferecer aos visitantes”, destacou a secretária de Comunicação, Hemunick Resende Machado.

Segundo ela, a proposta do município é trabalhar o turismo rural e evitar concentrar a divulgação apenas no litoral, que atualmente é o forte devido, também, aos dividendos do petróleo.

“Os royalties acabam e precisamos desenvolver nossa ativi-

dade principal, que é a rural”, destacou.

Para a próxima terça-feira está agendada reunião com as famílias de produtores rurais para tentar identificar a vocação de cada uma e o interesse delas em atuar no turismo.

A prefeitura também anunciou a divisão da Secretaria de Agricultura e Pesca em duas. Com isso, passará a ser criada a Secretaria de Pesca para fortalecer ações que estimulem a atividade pesqueira na região.

O município também pretende realizar mapeamento da área pantaneira para identificar as principais carências da população e ter as informações necessárias para atuar no desenvolvimento das atividades.